



SEGURANÇA NA INTERNET



Realizou-se no dia 8 de Fevereiro o Dia Europeu da Internet Segura. Este dia, assinalado pela oitava vez consecutiva, é organizado pela INSAFE, rede de cooperação dos projectos que promovem a sensibilização e a consciencialização para uma utilização mais segura da Internet pelos cidadãos europeus, em especial, as Crianças.

Este evento tem contado com uma crescente adesão desde 2009, passando de 50 países, para 60 em 2010, e mobilizando em 2011 cerca de 70 países de 5 continentes, da Islândia ao Quênia, do Canadá à Coreia do Sul.

O Instituto de Apoio à Criança, enquanto

único membro português da organização europeia ENACSO (European Alliance for Children Safety Online), juntou-se aos seus parceiros europeus, e nacionais, no âmbito o Consórcio Internet Segura, para assinalar esta data.

A Internet é um espaço maravilhoso de descoberta e conhecimento, que traz consigo oportunidades, mas também desafios.

É nosso intuito, ao eternizar as principais reflexões destes peritos nacionais nestas folhas de papel, recordar a toda a sociedade civil, todos os dias, que estes desafios «são mais que um jogo!».

ALEXANDRA SIMÕES

A DIGNIDADE DA CRIANÇA E A SEGURANÇA NA INTERNET

Dedicar uma separata ao tema da Segurança na Internet representa mais um passo numa caminhada que o IAC iniciou há 28 anos de tratar de forma séria e reflectida um tema que continua tabu na sociedade.

Na verdade, embora já se entenda que a Exploração Sexual de Crianças é uma matéria que merece maior atenção, ainda se desvaloriza quer a sua verdadeira dimensão, quer os gravíssimos efeitos que resultam para

as vítimas, parecendo por vezes que esta questão é distante e o bem-estar das crianças é alheio a este fenómeno.

O IAC nunca se conformou com a redacção da norma do Código Penal que permitia, desde a revisão de 2007, que se considerasse um único crime a repetição plúrima de infracções, mesmo quando estavam em causa bens jurídicos eminentemente pessoais, como é o caso nos maus tratos e nos abusos sexuais.

Assim, sempre defendeu que essa norma atentava contra a dignidade da pessoa humana e que a aplicação da atenuação das penas por esta via conduzia a negar a repetição plúrima do sofrimento das vítimas, ao mesmo tempo que se ficcionava a ausência de repetição do dolo intenso por parte dos agressores, que no caso dos abusos sexuais de crianças praticam a infracção de forma premeditada, planeando minuciosamente cada acto,

exigindo das suas vítimas o silêncio.

A revogação dessa norma, que foi anunciada pelo ministro da Justiça numa conferência do IAC, constitui mais uma prova de que vale a pena não desistir, como costuma afirmar Manuela Eanes perante os obstáculos.

A recente acusação deduzida pelo Ministério Público no caso de Rui Pedro Mendonça, desaparecido quando tinha apenas onze anos de idade, na medida em que tal se deveu à reavaliação de indícios já existentes, mostra bem que existe agora uma maior consciencialização por parte das instâncias judiciais, o que é positivo.

Pela sua relevância, vem publicada nesta edição do BOLETIM DO IAC um extracto do comunicado emitido pelo IAC a propósito da valorização de indícios que treze anos depois conduziu à acusação pública.

O IAC tem sabido estar na linha da frente dos que, quer a nível nacional quer nas instâncias de decisão a nível europeu, entendem indispensável um esforço de cooperação no

sentido de serem tomadas medidas, designadamente legislativas, com vista a tornar eficazes mecanismos que facilitem a protecção das crianças e obstaculizem a acção dos que utilizam a Internet com objectivos perversos, por exemplo de aliciamento com vista à exploração sexual.

A experiência do IAC na detecção e encaminhamento de casos concretos, quer através do Serviço SOS-Criança, quer através do Projecto Rua, tem-se revelado muito importante para a consciencialização da dimensão do fenómeno e bem assim da gravidade dos danos que podem ser causados, designadamente nas situações de adolescentes separados dos pais por decisões de colocação em instituição, em que as fugas representam riscos acrescidos.

A Federação Europeia das Crianças Desaparecidas e Exploradas Sexualmente (Missing Children Europe), que o IAC integra desde a sua fundação e que este ano completará dez anos, organizou em Bruxelas em Novembro passado uma conferência precisamente sobre estas crian-

ças em fuga, que são mais vulneráveis por serem mais facilmente vítimas de aliciamento e por serem muitas vezes invisíveis, pois têm paradeiro desconhecido e não são reclamadas por ninguém.

Por tudo isto, o IAC tem-se empenhado no estabelecimento de uma Directiva Europeia no sentido do bloqueio de sites de pornografia infantil, na medida em que constituem uma séria violação do direito à dignidade das crianças e se basearam na violação dos seus direitos à integridade pessoal e a um desenvolvimento integral.

Estamos conscientes que só um apelo profundo da comunidade e a cooperação das organizações da Sociedade Civil tornará prioritária esta exigência num momento em que a crise financeira parece monopolizar o debate a nível europeu.

Contamos, pois, com o vosso empenho para nos ajudar a reflectir sobre estes temas, pois sabemos que todos somos imprescindíveis nesta causa.

DULCE ROCHA

RISCOS E OPORTUNIDADES NA INTERNET

No conjunto de 25 países europeus, Portugal aparece como um dos países com menor incidência de riscos online. Apesar da subida vertiginosa no acesso à Internet entre os mais novos, nos últimos anos, as crianças portuguesas entre os 9 e os 16 anos estão ainda longe dos valores de acesso diário que ocorrem noutros países do Norte e Centro europeu. Um recente inquérito europeu concluiu que um maior uso e um maior leque de actividades na rede leva inevitavelmente a mais riscos – mas também a mais oportunidades, e que nem sempre os riscos significam danos.

O inquérito EU Kids Online, financiado pelo Programa Safer Internet Plus, auscultou mais de 25.000 crianças e jovens (e um dos seus pais) sobre a sua experiência na Internet, tendo dedicado uma atenção especial a riscos que causam grande preocupação e que aparecem mais nas notícias: pornografia, bullying, mensagens de cariz sexual, contacto com desconhecidos, convites para encontros offline com contactos online, conteúdos potencialmente nocivos gerados por utilizadores e abuso de dados pessoais. Procurou não só averiguar qual o grau de exposição de crianças e jovens a esses riscos mas

também como lidam com eles, se são capazes de os evitar e de os resolver ou se, pelo contrário, ficam afectados negativamente e não são capazes de lidar com a situação.

RISCOS E DANOS

Apenas 7% das crianças e jovens portugueses que acedem à Internet declarou já se ter deparado com aqueles riscos, abaixo da média europeia (12%). A maioria declarou não ter tido qualquer experiência perturbadora online e sentir-se confortável em actividades na Internet que alguns adultos consideram arriscadas. Como noutros países, fo-



ram as crianças mais novas as que mais expressaram desconforto pelas situações de risco que experimentaram, o que nos deve alertar para a necessidade de começar desde cedo a sua preparação para lidarem com os riscos da Internet, nomeadamente sabendo-os evitar sem deixar de usar a Internet. Mas também importa que todos – pais, educadores, instâncias de regulação e indústrias incluídas – contribuam activamente para esses ambientes de segurança.

Como reportaram as crianças europeias, o risco não resulta necessariamente em dano. Os resultados variam por criança (por exemplo, com a idade e o género), por país e por tipo de risco. Assim:

- 12% dizem que já se sentiram incomodadas ou perturbadas por alguma coisa na Internet, sendo referido por 9% das crianças com 9 ou 10 anos. No entanto, a maioria das crianças europeias não referiu ter ficado incomodada ou perturbada no seu uso do online.

- Os riscos não são necessariamente experienciados pelas crianças como experiências traumáticas. Por exemplo, uma em cada oito crianças respondeu já ter visto ou recebido imagens de cariz sexual online mas só algumas declararam ter-se sentido perturbadas com isso.

- Pelo contrário, ser alvo de bullying online através de mensagens desagradáveis ou prejudiciais, sendo um risco bastante mais raro, é um risco que perturba muito mais quem é vítima dele.

- Apenas uma em cada 12 crianças se encontrou offline com um contacto conhecido online, e este risco também

raramente apresenta uma consequência danosa, segundo as crianças.

- Os rapazes, sobretudo adolescentes, estão mais expostos a imagens sexuais online, enquanto as raparigas adolescentes parecem receber mais mensagens online maldosas ou desagradáveis. As raparigas parecem também sentir-se mais incomodadas do que os rapazes pelos riscos por que passam.

- Considerando todos os riscos referidos, 41% das crianças europeias já encontrou um ou mais desses riscos.

- Os riscos aumentam com a idade: 14% das crianças com 9 ou 10 anos deparou-se com um ou mais desses riscos, subindo para 33% dos que têm 11 ou 12 anos, 49% dos 13 ou 14 anos e 63% dos jovens com 15 ou 16 anos.

- Para mais informação, consultar o Sumário Executivo destes resultados, em português, em www.eukidsonline.net ou em www.fcsh.unl.pt/eukidsonline

ACESSOS E OPORTUNIDADES

O inquérito revelou também que 78% das crianças e jovens portugueses entre 9 e 16 anos usam a Internet, acedendo mais à Internet nos seus quartos (67%) do que noutros lugares da casa (26%). Uma razão para isso advém da elevada posse de computadores portáteis: cerca de dois terços das crianças que acede à Internet dispõe de um portátil pessoal, um número que coloca Portugal à frente no conjunto dos 25 países. Crianças de todos os meios sociais dispõem igualmente de portáteis, numa democratização do acesso que não se traduz automaticamente numa igualdade de

oportunidades de uso.

Como se discutiu na conferência nacional sobre estes resultados, realizada em Fevereiro na FCSH, Portugal distingue-se por ser um dos países europeus onde os pais acedem menos à Internet do que os filhos, com menos frequência diária e a partir de menos lugares. Apesar de conversarem sobre os seus filhos sobre a Internet, falta às mães e aos pais portugueses (sobretudo com menos recursos escolares e com actividades profissionais indiferenciadas) a experiência da Internet e muitos excluem-se por considerarem que a Internet e os computadores são para os trabalhos escolares dos mais novos. Cerca de 60% das crianças e jovens de famílias com menos recursos declaram ser inteiramente verdade que sabem muito mais sobre a Internet do que os seus pais, enquanto apenas 20% das crianças e jovens de famílias com mais recursos declara o mesmo. Apesar de os equipamentos terem chegado às casas (e aos quartos), as condições de acesso à rede não são iguais para todos. As raparigas usam menos a Internet em casa do que os rapazes (menos tempo, menos meios, menos actividades), numa diferença que é maior do que a média europeia. As bibliotecas escolares e públicas podem ser, nessa medida, espaços de oportunidades para que os usos da Internet se diversifiquem e se consolidem as competências digitais entre os mais novos.

Estas e outras questões discutidas na conferência nacional do EU Kids Online serão brevemente publicadas em livro.

CRISTINA PONTE
COORDENADORA NACIONAL DO
PROJECTO EU KIDS ONLINE

EU Kids Online
PORTUGAL



A ABORDAGEM DO PROJECTO MIUDOSSEGUROSNA.NET

Nas acções de sensibilização/formação em que participo como orador/formador, costumo referir as oportunidades e benefícios potenciais que podem resultar da utilização das tecnologias de informação por crianças e jovens. Refiro igualmente os riscos potenciais inerentes a essa utilização, os erros mais comuns e as soluções para uma utilização ética, responsável e segura.

OPORTUNIDADES & BENEFÍCIOS

Ao nível das oportunidades e benefícios, refiro habitualmente histórias e casos no domínio da informação, da comunicação, do comércio, da educação, do lazer e do entretenimento. Quando falamos de segurança na Internet, é importante nunca perder de vista as oportunidades e os benefícios que podem resultar da sua utilização. Afinal de contas, para se estar seguro online é preciso estar-se online.



RISCOS: OS 5 CÊS

As TIC abrem-nos uma janela para um mundo de oportunidades. Mas de riscos também. Ao nível dos riscos, refiro habitualmente aquilo que denomino como os Cinco Cês, que correspondem a cinco grandes categorias de riscos: Conteúdos, Contactos, Comércio, Comportamentos e Copyright. Para cada uma destas categorias, partilho histórias, casos e exemplos. Mas se sensibilizar para os riscos é importante, importa igualmente reflectir sobre o que geralmente fazemos para mitigar esses riscos.

ERROS MAIS COMUNS

Que erros cometemos a tentar minimizar estes riscos? Geralmente, subestimando ou sobrestimando os riscos e considerando que estamos perante um problema tecnológico que, como tal, se resolve com tecnologia.

SOLUÇÃO:

A CADEIRA DE 4 PERNAS

A segurança online deve ser como uma cadeira. Deve ter quatro pernas. Com três, não é uma cadeira, é um banco. Aguenta-se, mas quanto mais pequena a criança, mais instável o equilíbrio. Com apenas duas pernas, dificilmente se aguenta de pé. Com apenas uma perna, é desastre certo. Estas quatro pernas correspondem a outras tantas abordagens: Regulamentar, Educacional, Parental e Tecnológica.

TITO DE MORAIS

FUNDADOR DO PROJECTO
MIUDOS SEGUROS NA NET

TESTEMUNHOS

Tenho participado em encontros e eventos relacionados com a utilização segura da Internet, em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente no 2º painel de Jovens Europeus sobre Segurança na Internet. Todo o percurso tem sido fantástico e enriqueceu bastante os meus conhecimentos sobre o tema. Através da troca de opiniões, cá e no Luxemburgo, pude concluir que as nossas opiniões,

tanto as dos jovens como as dos adultos, não divergem tanto assim, e que todos tentamos colaborar para o mesmo fim, designadamente, que os jovens possam utilizar a Internet de uma forma segura, protegendo-se a si próprios e aos que os rodeiam dos perigos que esta mesma lhes pode trazer.

FRANCISCA CALADO

Tive o privilégio de participar, em Outubro de 2010, no 1º Painel de Pais Europeus sobre Segurança na Internet, organizado pela União Europeia, e, através do convívio e diálogo com pais e educadores de mais de 30 outros países europeus, pude constatar que as nossas preocupações como pais e educadores são comuns e semelhantes, que temos o apoio de muitas e diversas instituições e or-

ganizações governamentais e não governamentais, mas nada, nem ninguém substitui o dever e a responsabilidade que, todos nós, pais ou educadores, temos de garantir que, em cada uma das nossas casas e escolas, os nossos filhos e educandos acedem e utilizam, com segurança, a Internet.

NUNO CALADO